

eie a dignidade da cultura brasileira. Ele me dizia: «Hamilton, a conversão do Tristão daria um impulso extraordinário ao pensamento católico em nossa terra.»

As suas previsões foram confirmadas no decorrer dos tempos.

Na primeira edição deste livro, não falei das duas principais realizações de Jackson de Figueiredo ao tempo da sua atividade como católico: A revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital. Sobre isto falaremos nesta segunda Edição.

Logo depois da morte de Jackson, convidamos Tristão para ser o nosso chefe no Centro Dom Vital e começamos a trabalhar intensamente. Ele aceitou e escreveu esse «pequeno grande livro» — *Adens à Disponibilidade*. A meu ver, é um dos mais importantes livros da obra volumosa de Tristão. Nele está o seu compromisso de lutar pela cristianização do Brasil. É uma admirável expressão do sentido da sua luta impressionante para a vivência dos princípios cristãos na sociedade brasileira, no terreno social e na cultura. *A Ordem* e o Centro Dom Vital, realizações fundamentais de Jackson, foram reestruturados.

A Ordem foi fundada em agosto de 1921. Jackson convideu um pequeno grupo para encontrarse com ele no Café Gaúcho, situado na Rua Rodrigo Silva, esquina da Rua de São José. Lá chegamos à hora marcada, numa noite desse mesmo mês; além de Jackson, estavam presentes Perillo Gomes, Durval de Moraes, José Vicente e eu. Disse então o nosso amigo: «Não é possível trabalharmos para a Igreja se não dispusermos de um jornal para expormos as nossas idéias». Não tínhamos capital. Ele então sugeriu que cada um de nós concorresse mensalmente, com uma pequena quantia. Estava assim lançada *A Ordem*. «Vamos começar a trabalhar. Você, Hamilton, está intimado a me entregar um artigo daqui a dois dias. Não se esqueça de assinar, colocando antes do seu nome a palavra *doutor*:» Escrevi o meu primeiro artigo sobre o Espiritismo e a Ciência. Deu-me muito trabalho. Jamais escrevera sobre assuntos de qualquer natureza, exceptuando cartas à noiva. No dia combinado, entreguei o meu artigo. Ele leu e disse: «O artigo está bom, mas o Português não». Corrigiu o artigo. Assim foi a minha estreia como escritor.

A Ordem foi muito bem recebida nos meios católicos. Vários Bispos do Brasil aprovaram a nossa iniciativa, a co-

meçar pelo grande e inesquecível Arcebispo Dom Sebastião Leme.

No artigo de fundo do primeiro número da revista, Jackson escravia estas palavras:

«Sem incidirmos nem de leve nos malfados e perigosos erros, a verdade é que nunca poderemos admirar, tanto quanto nos merece, na divina organização da Igreja, a sábia harmonia dos seus princípios universais com as realidades particulares da História humana. E a autoridade dos bispos, porque emana da Santa Sé apostólica, de uma autoridade universal, nem por isso se contrapõe ao caráter do povo soberano que se exerce. É católica, mas é brasileira, como é francesa, inglesa ou italiana, porque como tal a própria Santa Sé o reconhece.

«Está assim, ao que nos parece, completamente delineado o nosso programa, traçado o rumo que seguiremos — a obediência à autoridade eclesiástica é o sinal distintivo do verdadeiro católico. Não precisamos reclamá-la.

«Ela se fará ver, sincera e imediata, todas as vezes que esta autoridade assim o exigir, no legítimo exercício dos seus direitos.»

Coleção *A Ordem*

O Centro Dom Vital foi fundado em abril de 1922. A finalidade dele era a criação de uma grande Biblioteca Católica, a edição de livros católicos de apologética, e a edição de livros católicos em geral. A coleção de livros católicos traz o nome de Coleção Eduardo Prado. O primeiro livro dessa Coleção é *Pascal e a Inquietação Moderna*, de Jackson de Figueiredo. O Centro Dom Vital se propõe única e exclusivamente a ajudar o Episcopado Brasileiro na obra de recatolicização dos seus ideais na prática social. Este dispositivo está escrito no número de *A Ordem* de 1º de abril de 1922. O grupo inicial do Centro Dom Vital era o mesmo grupo dos fundadores de *A Ordem*.

Aos poucos, o grupo foi crescendo, vários intelectuais católicos aderiram ao Centro Dom Vital e enriqueceram as nossas fileiras. Jonathas Serrano, Eugênio Vilhena de Moraes, José Pirajibe, Marco Paula Freitas, Alcibiades Delamare, Arthur Gaspar Vianna, Francisco Karam, Nelson Romero e muitos outros participavam das atividades do nosso Centro. Uma das mais valiosas adesões ao nosso Centro foi a de He-

râclito Sobral Pinto. A sua atuação foi permanente e enriquecedora. Há alguns anos sucedeu a Tristão de Athayde e atualmente é o Presidente do Centro Dom Vital.

Enquanto permaneceu no Brasil, antes de ingressar na Diplomacia, Perillo Gomes era um dos nossos mais dedicados companheiros. Era uma figura admirável. Secretário de A. Ordém e depois do Centro Dom Vital, ele era um amigo incomparável. Ainda há pouco tempo, escrevia Tristão de Athayde: «Que falta me faz o Perillo!» O seu primeiro livro — *Penso e Creio*, depoimento da sua conversão ao Catolicismo e que teve repercussão extraordinária — é um trabalho que honra a inteligência católica brasileira.

No meu caso particular, eu devo a Jackson a minha formação religiosa, política e filosófica.

Somente mais tarde, depois da sua morte, é que mudei de posição no meu pensamento político e na minha atuação na vida pública. Tal como Jackson, influenciado por Joseph de Maistre, Charles Maurras, Léon Daudet, Pierre Lassèvre, a minha posição atual é a mesma de Sobral Pinto e Tristão de Athayde. Sou por uma democracia de base humanística, na qual o respeito à dignidade da criatura humana seja um dogma inabalável.

Quando faleceu Jackson de Figueiredo, o Centro Dom Vital, tendo como presidente Tristão de Athayde, publicou dois livros de grande importância: o romance *Aerum*, de autoria de Jackson, e uma seleção de cartas da sua imensa correspondência. São livros de grande valor para um conhecimento mais profundo da sua riquíssima personalidade.

Foi através dessa correspondência que Jackson levou muitos amigos ao Catolicismo e lhes fez conhecer as riquezas do Cristianismo.

Quando eu o conheci, em 1919, na cidade de Muzambinho, no Sul de Minas, ele mantinha uma intensa correspondência com Afrânio Peixoto, Mário de Alencar e Nestor Victor.

Tenho para mim que a mais importante dessas correspondências é a que manteve por muitos anos com Tristão de Athayde.

Suas cartas revelam o homem inteiro. Revelam a sua alma, a sua lúcida inteligência e o seu grande coração. Ele costumava dizer: «Os meus amigos formam a minha Segunda Igreja.»

Partindo do materialismo, chegou ao espiritualismo e, iluminado pela graça divina, tornou-se um soldado de Cristo.

Jackson não conheceu a luminosa alma de Kierkegaard. A obra do genial filósofo dinamarquês ressurgiu na Europa pelos idos de 1926. O pensamento de Jackson de Figueiredo está, entretanto, na linha da Filosofia Existencial. Constantemente, ele repetia esta frase: «A vida é mais forte que a mais forte das filosofias».

Dominado em certa época da sua vida pelas idéias de Nietzsche, empolgou-se, posteriormente, pelo pensamento de Pascal, mas só encontrando a paz de espírito «nas mãos amantíssimas da Igreja Católica». Pascal, entretanto, marcou profundamente a sua alma, e sobre ele escreveu a mais bela de suas obras. Dele dizia Jackson: «Pascal é uma onda imensa de amargura e de crença, exaltada pela nostalgia divina, no mais longínquo da dor humana, rolando até nossos dias, com a mesma força, o mesmo espanto, a mesma grandeza, pelas fundas cavernas da nossa melancolia.»

Hamilton Nogueira

1975